

NA BOCA DO POVO

PROGRESSO

Que melhorias você quer para Samambaia?

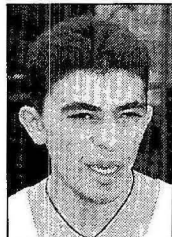
MYRES REGINA MARTINS OLIVEIRA
26 anos, manicure



■ "São tantas, mas o policiamento vem em primeiro lugar. As quadras estão perigosas, há muitos

problemas com drogas e assassinatos que devem acabar. Isso é essencial para que as pessoas vivam em paz."

WALTER MARTINS DE SILVA
24 anos, segurança desempregado



■ "São duas melhorias: sistema de asfalto e segurança. O asfalto não pode ficar apenas nas vias

principais, tem que chegar nas quadras até mesmo para facilitar o acesso dos carros."

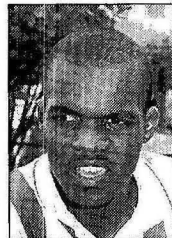
FABIANO SILVA SOARES
19 anos, office-boy



■ "Segurança, claro. A polícia só aparece por aqui de vez em quando. Também gostaria que a cidade tivesse

mais escolas de 2º grau, asfalto, coleta de lixo e mais agências de bancos."

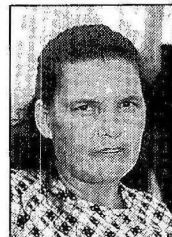
LEANDRO CARLOS SALES
18 anos, estudante



■ "Segurança porque em Samambaia os tiroteios são comuns e a gente nem pode sair às ruas depois que anoitece;

lazer porque aqui as opções de diversão são mínimas e transporte porque os ônibus demoram demais a passar."

MARIA JOANA DA PAZ
46 anos, lavadeira



■ "Hospital e asfalto nas quadras. São duas coisas que os moradores precisam com urgência. Muita gente

não tem como ir a Taguatinga e Ceilândia tratar de casos sérios de saúde. E ficar com a casa suja é horrível."

LUIZ ALVES DE LIMA
46 anos, corretor de imóveis



■ "Samambaia precisa de mais bancos, mais delegacias, de um hospital e, principalmente, de indústrias e fábricas

para dar emprego para essa juventude que anda sem grandes perspectivas."



Há oito anos, a quadra 629 da Expansão de Samambaia surgiu do aterramento de um grande buraco: pavimentação com bloquetes de concreto deixou para trás os tempos de lama e lixo

TEMPOS DE EXPANSÃO

OBRAS DE PAVIMENTAÇÃO DÃO NOVA CARA AO SETOR DE SAMAMBAIA QUE ERA CONHECIDO COMO ROCINHA

Nicolas Bonvakiades
Da equipe do Correio

Quem viveu os anos da construção do Plano Piloto e de outras cidades do Distrito Federal não esquece as dificuldades enfrentadas naqueles dias. A lama, o desconforto, a tristeza das obras intermináveis — a vida era dura. Nas cidades criadas às pressas, então, a demora para chegar ao asfalto, o serviço de esgotos, a água encanada... tudo enfim, desanimava até o maior entusiasta da epopéia da construção de Brasília.

Mais recentemente, a Expansão de Samambaia era uma das áreas mais desoladas e maltratadas do Distrito Federal. A quadra 629, por exemplo, fica numa área que não passava de um buraco que teve de ser aterrado há oito anos para que as pessoas pudessem se mudar. A convivência com o lixo, moscas, enxurradas e doenças foi uma marca na vida dos primeiros moradores. Hoje, a quadra já tem obras de drenagem pluvial e a pavimentação está sendo completada.

A moradora Alcione Lima da Silva, 52 anos, vive na quadra 631 há oito anos e lembra das dificuldades do começo: "Anxurada levava até as compras de supermercado. O barulho era o de um rio correndo na frente da casa da gente". A pista pavimentada em frente à casa de Alcione não tem nem três meses e ela comemora.

"A comunidade se esforçou. Elegemos muitos delegados para o Orçamento Participativo, nos organizamos e o governo atendeu nossas reclamações", diz. Hoje a Expansão tem drenagem, escolas, mais linhas de ônibus, posto de saúde — o anti-

go apelido *Rocinha* ficou no passado. "Hoje é um dos melhores locais para viver em Samambaia. Até a marginalidade diminuiu, é um lugar tranquilo. Antes era uma confusão, hoje o povo se educou", avalia.

Mas nem todas as melhorias na cidade se devem ao Orçamento Participativo. As obras de drenagem, pavimentação e construção de praças foram financiadas pela Caixa Econômica Federal (CEF) com recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), por meio do Projeto Expansão de Samambaia do programa Pró-Moradia. Para as três frentes de trabalho foram destinados R\$ 2.554.676,65.

MAIS CARO, MAIS DURÁVEL

A pavimentação da Expansão começou em janeiro junto com as obras de drenagem. A conclusão está prevista para dezembro. O detalhe no piso das ruas é que não está sendo usada a massa asfáltica tradicional. Estão sendo usados bloquetes de concreto, dando um aspecto mais iluminado às ruas estreitas que hoje lembram uma cidadezinha de interior.

O encarregado de uma das equipes de trabalho na 631, Benedito Rodrigues, 40 anos, diz que o material é mais prático que o asfalto. "É mais resistente e durável, é reaproveitável e tem a vantagem de gerar mais empregos", enumera. O engenheiro Carlos Roberto Gravina, da empreiteira Dan Herbert, responsável pela obra, confirma a declaração de Benedito: "Fabricamos os bloquetes no próprio local. Só na fábrica tivemos até 50 pessoas, ao todo foram 200 pessoas trabalhando na Expansão."

O engenheiro da Administração Regional responsável pela execução do projeto, Florentino Costa, infor-



Antônio da Silva quer trazer os parentes de Jacobina: "Aqui tá pra lá de bom."

ma que estão sendo pavimentados 52,5 mil metros² de pistas internas na região. "Esse tipo de trabalho custa até 30% a mais que o asfalto, mas tem a característica social de gerar empregos e, a longo prazo, também é vantajoso — dura pelo menos 30 anos", afirma. Em caso de

alguma obra na pista, os bloquetes podem ser tirados e recolocados sem que haja perda do material ou dano na pista.

Benedito atesta a informação: "Eu mesmo trabalhei na colocação de bloquetes no terminal rodoviário de Taguatinga Norte. Estão lá até

hoje." Os engenheiros também explicam também que o concreto tem característica térmica mais adequada ao lugar. "As ruas são estreitas, o asfalto esquentaria muito", explica Florentino.

Além de proporcionar um ambiente mais arejado, os bloquetes permitem melhor escoamento das águas da chuva. "O asfalto impermeabiliza. Com o material usado, parte da água é absorvida diminuindo a força das enxurradas", afirma Florentino.

DE MAU A MELHOR

Ninguém é contra a pavimentação, claro. Mas os moradores se ressentem um pouco do piso diferente dos outros. "Só é ruim para as crianças brincarem. Se quiserem andar de patins, com essa rua não dá", diz Alcione. Ainda assim, a situação é infinitamente melhor: "Agora meus netos podem brincar na rua sem lama e sem doença", comemora Alcione.

A dona de casa Silvana Rosa de Sena, 20 anos, mora há três anos na QR 631 e já sofreu bastante com a poeira, a lama e as enxurradas. "Me virava do jeito que Deus permitia. Isso é uma coisa boa que a gente está vendo que fizeram", diz. Ela reclama que, apesar das obras, a água ainda fica empocada no fim da rua pelo entupimento das bocas-de-lobo. "Acho que deviam ter feito a pista mais alto, mas a gente liga para Caesb até virem desentupir", conforma-se.

Silvana mora com a família numa casa emprestada por um cunhado. Com ela também está o pai, Antônio Egídio da Silva, 49 anos. Ele veio de Jacobina, na Bahia, e quer dar um jeito de trazer o resto da família agora que a poeira não vai castigar tanto os netos como os dois filhos de Silvana. "Aqui tá ficando bom... pra lá de bom", avalia o homem.